

# Análise morfolexical das palavras e expressões dos “falares porto-velhenses”

*Morpholexical analysis of the words and expressions of "Porto-Velho speech"*

Submetido em: 18/07/2023

Aceito em: 17/10/2023

Laura Cotinguiba<sup>1</sup>  
Lucimara Alves da Costa<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, temos por objetivo realizar uma análise morfolexical das palavras e expressões que configuram os falares porto-velhenses. O presente estudo é parte do projeto de Iniciação Científica (PIBIC) “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento na Universidade Federal de Rondônia. Os dados apresentados na análise foram retirados do corpus dos falares porto-velhenses, compilado para o trabalho original e foi constituído por exemplares do jornal “Alto Madeira”, da década de 1970 a 1990, artigos, teses e dissertações sobre a cidade de Porto Velho e região e também, pelo livro “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). Destacamos que é necessário um maior aprofundamento desse estudo a fim de que possamos, realmente, estabelecer um perfil lexical desses falares, entretanto, defendemos que este estudo é uma pequena contribuição para que estudos mais completos e aprofundados possam ser realizados para que possamos, por fim, apresentar de fato uma “Radiografia do Portal da Amazônia”.

**Palavras-chave:** léxico; análise lexical; falares porto-velhenses.

**Abstract:** In this article we aim to perform a morpholexical analysis of the words and expressions that make up the oral language of porto-velhenses. This present study is part of the Scientific Initiation Project (PIBIC) “Radiography of Portal da Amazônia: a study of oral language of porto-velhenses”, under development at the Federal University of Rondônia. The data presented in the analysis were taken from the corpus of Porto Velho speakers, compiled for the original work and consisted of copies of the newspaper “Alto Madeira”, from the 1970s to 1990s, articles, theses and dissertations on the city of Porto Velho and region and also, by the book “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, authored by Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). We emphasize that further study is needed in order to really establish a lexical profile of these languages; however, we maintain that this study is a small contribution for more complete and in-depth studies to be carried out, so that we can indeed present a “Radiography of Portal da Amazônia”.

**Keywords:** lexicon; lexical analysis; oral language of porto-velhenses.

## Introdução

Estudar o léxico de um povo é compreender a intrínseca relação entre a língua, a cultura e a história de uma comunidade. A grosso modo, podemos entender o léxico

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3235087585568625>. E-mail: [laaires80@gmail.com](mailto:laaires80@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutora em Linguística. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4411200701217138>. OrcIDd: <https://orcid.org/0000-0002-8481-6829>. E-mail: [lucimaralves@unir.br](mailto:lucimaralves@unir.br)

como o conjunto de unidades linguísticas ou palavras que formam o vocabulário de uma comunidade linguística.

Como assinala Biderman (2001), o léxico, por ser uma unidade aberta, está em constante evolução. Todos os dias novas palavras surgem e outras caem em desuso ou passam por um processo de renovação e mudança tanto na forma (morfologia), no significado (semântica) e mesmo no contexto de uso (pragmática).

Nesse sentido, neste estudo temos por objetivo realizar uma análise morfolexical das palavras e expressões que caracterizam o falar porto-velhense. Neste trabalho, entendemos e definimos falares porto-velhenses como o vocabulário utilizado pelos moradores da cidade de Porto Velho.

Convém destacar que esse falar porto-velhense já foi abordado por Amaral (2015), em seu livro “Carapanã encheu, voou: o “Portovelhês”, obra que também servirá de base para nossa pesquisa. Entretanto, conforme destaca a autora, essa obra não teve por objetivo estabelecer uma análise lexical e, tampouco, embasou-se nos pressupostos da Lexicologia e Lexicografia para a elaboração e confecção da obra. Assim, como assinala Amaral (2015, p. 8):

[...] esta obra abre-se à críticas e também para receber contribuições, esperando que este desprezioso trabalho possa inspirar outros mais sofisticados no ramo da Lexicografia e, quiçá, da Fonologia; visto que a sonoridade dos sotaques também merece registro.

Dessa forma, nosso estudo surge com o intuito não de fazer uma crítica ou propor uma complementação do trabalho supracitado, mas sim debater os dados já apontados, bem como as informações por nós levantadas, tendo como base os pressupostos das Ciências do Léxico, em especial a Lexicologia.

Assim, considerando o fato de que Porto Velho é uma cidade multicultural, com uma população miscigenada por pessoas de diferentes etnias e nacionalidades, como bolivianos e peruanos, por exemplo, e também por migrantes de diferentes regiões do Brasil, nosso problema de pesquisa consistiu nos seguintes questionamentos: a multiplicidade cultural e populacional de Porto Velho influenciou na criação de um léxico local? Quais as influências lexicais originadas dessa relação entre língua e diferentes culturas?

Tendo em mente esses questionamentos, consideramos como hipótese de pesquisa o fato de que a multiplicidade cultural da cidade e região de Porto Velho influenciou no léxico local, dando origem à palavras e expressões típicas desse local ou que, mesmo sendo expressões já conhecidas em outras regiões, adquiriram um significado próprio quando utilizadas pelas pessoas daqui.

Para o desenvolvimento desta pesquisa nos embasamos nos pressupostos teóricos dos estudos do léxico (Cabré, 1999; Biderman, 2001; Porto Dapena, 2002; Borba, 2004), mas também recorremos aos conhecimentos adquiridos sobre morfologia, semântica e pragmática, para analisar as questões relacionadas ao significado e contexto de uso e aplicação dessas palavras e expressões.

Nossa metodologia consistiu em (i) pesquisa bibliográfica por meio da leitura de livros, artigos e teses a respeito das ciências do léxico, sobre a relação entre língua e cultura e sobre a cidade de Porto Velho; e (ii) análise qualitativa de algumas palavras e expressões retiradas do *corpus* do falar porto-velhense. Um *corpus* compilado para o projeto de pesquisa “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento, como Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, na Universidade Federal de Rondônia e financiado pelo CNPq.

Estruturalmente, este artigo está dividido em três seções: na primeira, apresentamos um breve panorama sobre as ciências do léxico, teoria que embasa nosso trabalho; na segunda fazemos uma caracterização do falar porto-velhense e, na terceira seção, apresentamos nossas análises e resultados, refletindo sobre as questões lexicais desse “vocabulário regional”. Por fim, apresentamos as considerações finais e referências utilizadas.

### **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**

São três as ciências ou disciplinas que têm o léxico como objeto de estudo: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, por isso são conhecidas como as ciências do léxico. Entretanto, antes de definirmos o que vem a ser cada uma dessas ciências, convém explicar, primeiramente, seu objeto de estudo, ou seja, o léxico.

Segundo Basílio (2009, p. 9), a língua pode ser definida como um sistema de classificação e de comunicação, uma vez que, conforme aponta a autora, antes mesmo

de nos comunicar precisamos identificar, caracterizar e classificar as coisas de que desejamos falar, isto é, repensar e reformular as ideias e conceitos que desejamos exteriorizar. Nesse sentido,

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificado, um depósito de elementos de designação [...]. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo as unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (Basílio, 2009, p. 9).

Estudar o léxico de uma dada comunidade linguística nos permite conhecer as diferentes vivências, histórias, culturas e identidade desse povo, uma vez que é por meio das palavras que externalizam seus sentimentos, pensamentos, desejos e ideologias. Biderman (2001, p. 14) afirma que “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história, [...] um tesouro cultural abstrato, [...] uma herança de signos lexicais herdados”. Ou seja, o falante da língua já predispõe da formação da linguagem e, com isso, organiza sua fala e pensamento.

Por ser um sistema aberto, o léxico está em constante mudança e evolução, uma vez que sofre influência do falante e das mudanças pelas quais passa a sociedade. Esta flexibilidade e caráter abrangente permite que o estudemos sob diversas perspectivas, estabelecendo relações e intersecções com diversas outras áreas do conhecimento, como a morfologia, a fonologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Como já destacamos, tanto a Lexicologia, quanto a Lexicografia e a Terminologia estudam o léxico, no entanto, cada uma o aborda de uma maneira diferente. A Lexicologia é o estudo das palavras e suas formações linguísticas. É uma ciência que é estudada de maneira interdisciplinar com outras ciências, como a Semântica e a Morfologia. Nesse sentido, a Lexicologia estuda o léxico de uma forma mais ampla e sob diversos enfoques, como por exemplo os processos de formação pelos quais as palavras (unidades lexicais) são constituídas, os significados e contextos de uso de uma determinada palavra.

Quanto à Lexicografia, como destaca Costa (2015), pode ser definida como a ciência que estuda e sistematiza o léxico com o objetivo de criar dicionários, glossários e outras obras lexicográficas. Biderman (2001) aponta que a Lexicografia surgiu,

primeiramente, de forma bilíngue com os glossários criados a partir dos estudos de filólogos, com o intuito de corrigir “erros” gramaticais.

De acordo com Biderman (1984), a partir das ideias renascentistas, os indivíduos passam a sentir a necessidade de ampliar sua visão de mundo linguística e culturalmente e, com isso, surge a necessidade de aprender línguas diferentes da sua língua materna e, como consequência de uma centralização europeia, essas línguas aprendidas pelo homem renascentista são originárias de países europeus.

Somente o conhecimento acerca da relação que o Latim possuía com as outras línguas, não era suficiente para transformar a linguagem como instrumento de intercâmbio cultural, com isso, os dicionários bilíngues na Espanha, França, Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas, tornaram-se oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI, como forma de ampliar esse diálogo e aproximação política.

Ainda a partir de Biderman (1984), a Lexicografia monolíngue surge e se desenvolve ao longo do século XVII, aperfeiçoando, aos poucos, suas técnicas. Atualmente, a Lexicografia se expande e assume várias modalidades em funções para informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo linguístico em que estamos inseridos, dando origem a diversas tipologias de dicionários.

O dicionário, como instrumento linguístico e discursivo, tornou-se, então, um objeto ou instrumento de pesquisa e ensino de primeira necessidade, e são utilizados para diversos fins: conhecer o significado de uma palavra; solucionar dúvidas de ortografia; resolver questões morfológicas, como por exemplo saber a classe gramatical e se a lexia se trata de um prefixo ou sufixo; descobrir a origem etimológica de um vocábulo; conhecer os contextos de uso e exemplificações; estudar questões relacionadas ao discurso e ideologias, enfim, são muitas as utilidades do dicionário.

Em última instância, falaremos sobre a Terminologia. Segundo Cabré (1999) a palavra Terminologia por si só é uma unidade polissêmica, ou seja, possui diferentes significados: ciência ou disciplina que estuda o léxico especializado; conjunto de termos de uma determinada área de especialidade; técnicas ou diretrizes que orientam o trabalho terminológico e terminográfico. Neste trabalho, definimos a Terminologia como a ciência que estuda o léxico especializado, ou seja, o léxico de um domínio de uma área como a Medicina, a Botânica, a Química etc.

Nesse sentido, Lexicografia e Terminologia se diferenciam por duas questões básicas: (i) a Lexicografia estuda o léxico da língua geral, ao passo que a Terminologia se ocupa apenas do léxico especializado (ii) a Lexicografia tem como objetivo a criação de dicionários de língua geral, como o dicionário Houaiss e o dicionário Aurélio, por exemplo, enquanto a Terminologia tem por intuito a criação de dicionários técnicos ou especializados e bancos de dados terminológicos.

Podemos dizer que a Terminologia é uma ciência que acompanha os acontecimentos sociais e as mudanças dentro de uma determinada sociedade. Nesse sentido Silva (2011) afirma que:

[...] a terminologia precisa estar em consonância à revolução que o país está vivendo. [...] na terminologia, uma palavra designa um determinado objeto porque opera com propriedade e características, remetendo a determinados universos de valores consubstanciados nos discursos de especialidade.

Convém destacar que, apesar de a Terminologia concentrar-se no estudo do léxico especializado, também precisa entender o léxico da língua geral para compreender qual o momento que aquela determinada sociedade está e, a partir disso, realizar seu estudo. Dessa forma, a partir desse estudo especializado das unidades lexicais, a Terminologia tem por objetivo, também, a criação de dicionários especializados. Bezerra e Lima (2022, p. 245) afirmam que “o ato de definir em um trabalho terminológico consiste em estabelecer elementos teóricos e metodológicos que possibilitem mobilizar as características da área de especialidade cujos termos estão sendo definidos”, uma vez que as áreas de estudo, majoritariamente, possuem termos e unidades lexicais específicas.

Assim, para que esses elementos sejam definidos de acordo com seu campo de estudo é necessário que haja estudos para nomear os termos que são apresentados nesses âmbitos de especialidade, daí a importância da Terminologia para o desenvolvimento dessas pesquisas.

### **Caracterização do falar porto-velhense**

Rondônia, em geral, é um estado formado por diferentes costumes, culturas e falas advindas de quase todo o Brasil. É possível notar a diferença de sotaques dentro do estado a partir do processo migratório no qual cada cidade foi constituída e em Porto Velho não é diferente. Rondônia é um estado que faz fronteira com a Bolívia e Peru e, além da migração interna, o estado também abarcou a migração externa de indivíduos vindos de outros países. Cotinguiba e Cotinguiba-Pimentel (2015, p. 49) afirmam que

[...] o estado de Rondônia é fruto do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, assinado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, que criou o Território do Guaporé. Em 17 de fevereiro de 1956 passou a se chamar Território Federal de Rondônia, em homenagem ao sertanista e positivista Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958). Em dezembro de 1981 foi aprovado o projeto de transformação do Território em estado e em 04 de janeiro de 1982, o Coronel do Exército, Jorge Teixeira de Oliveira, que governava a região desde 1979, assumiu como o primeiro governador do estado que, naquela época, era a vigésima segunda unidade da Federação da República brasileira.

Podemos observar que a formação do estado de Rondônia tratou-se de uma movimentação política.

Porto Velho, a então capital de Rondônia, surgiu a partir da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM) que iniciou em 1907 e finalizou em 1912 e para essa construção, migrantes de diferentes países e estados do Brasil, migraram para Porto Velho para trabalharem na construção da ferrovia, como afirmam Cotinguiba e Cotinguiba-Pimentel (2015).

Esse processo migratório possui influência na formação da cultura e costume rondoniense, pois, os indivíduos ao migrarem trazem consigo uma herança cultural de suas regiões de origem, como por exemplo as comidas típicas como vatapá e tacacá, advindas dos estados do nordeste e outros estados da região amazônica, os estilos musicais, como a toada, estilo folclórico amazonense e as diferenças e contribuições lexicais – variação linguística e sotaques –, que configuram o léxico local, isto é, o falar porto-velhense.

Esses migrantes fizeram parte da formação tanto do estado de Rondônia quanto da cidade de Porto Velho. É necessário observar que Rondônia é um estado formado por diferentes processos migratórios e por esse motivo o território possui diferentes

costumes a depender de sua migração. Assim, neste artigo, abordaremos especificamente a cidade de Porto Velho.

A língua, como já dito anteriormente, é mutável e muda não apenas de acordo com o tempo, mas também a partir dos diferentes contextos políticos, econômicos, sociais e geográficos em que está inserida. Santos e Neiva (2020) afirmam que

por acreditar que a língua é sucessível à variação e à mudança, e que tais processos, portanto, além de não serem aleatórios, mas condicionados, de modo ordenado, aos fatores intra e extra linguísticos, evidenciam os vínculos entre língua e sociedade, bem como os entre o léxico e a cultura bem como os entre o léxico e a cultura [...] (Santos e Neiva, 2020, p. 158-159)

Sendo assim, a língua possui influência de fatores externos a ela, além dos fatores internos que transformam a linguagem entre os indivíduos e, apesar das diferenças lexicais, ainda é possível que a comunicação seja viável. Câmara Jr. (1955) apresenta a língua como um intercâmbio cultural em que os falantes acompanham suas culturas a partir da fala, sendo a língua um fator importante para entender a origem dos indivíduos, sendo o processo de interação, o contexto cultural e a convivência social entre os sujeitos, o principal ponto para as inovações e alterações que configuram o léxico de uma comunidade.

[...] como meio precípua da comunicação social, é por meio dela que se processa o intercâmbio cultural na sociedade e ela se torna o acompanhamento de cada fato cultural de duas maneiras: 1) o fato cultural se acompanha de um conjunto vocal (oração na religião, preceito legal no direito, fórmulas normativas na indústria, no comportamento familiar etc. ); 2) os membros participantes de uma atividade cultural influem uns sobre os outros através da comunicação lingüística (Câmara Jr., 1955, p. 54).

Nesse sentido, convém destacar que o processo migratório no qual a cidade de Porto Velho está inserida influenciou o léxico da região. É possível notar, através da fala e textos escritos como jornais locais e documentos oficiais, a presença de unidades lexicais provenientes de outros estados e que, contemporaneamente, fazem parte dos falares e da cultura porto-velhense. Como já destacado, Rondônia é um estado formado por imigrantes e, também, por migrantes de diferentes estados e que ocuparam

diferentes cidades rondonienses e, por esse motivo, é possível observar essas características lexicais diferentes na linguagem dos falantes locais.

Ademais, notamos também, que as expressões e palavras não, necessariamente, possuem o mesmo significado de origem, provenientes de outras regiões de onde vieram esses migrantes, pois o contexto em que está inserida, atualmente, não é o mesmo que estava quando migrou junto com os indivíduos, acarretando uma substituição ou expansão semântica, devido à alterações em seus significados e contextos de uso. Essa alteração ou expansão semântica é o que Alves (1990; 2007) denomina como neologismos semânticos, ou seja, palavras que já eram conhecidas, utilizadas e mesmo já constavam nos dicionários com um determinado significado, e passaram a ter outro sentido com o passar do tempo.

A esse respeito, Lehmann (1994) destaca que a mudança ou ampliação semântica pode estar estreitamente relacionada com as variações em outras estruturas sociais, como por exemplo a modificação de atividades culturais e profissionais, uma vez que essas alterações estão, muitas vezes, conectadas às condições físicas dos falantes de uma determinada língua.

Outras palavras também passaram por um processo de alteração morfológica, ocasionando alterações em suas grafias, sendo estas, consequências da influência dos falantes e do processo comunicativo cotidiano, ou seja, a escrita foi alterada pela oralidade. Refletimos melhor sobre essa caracterização dos falares porto-velhenses, na próxima seção.

### **O falar porto-velhense: questões lexicais**

Os dados analisados nesta pesquisa foram retirados do jornal “Alto Madeira”, um jornal local da cidade de Porto Velho, em especial nos exemplos selecionados em jornais da década de 1970 e no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015). Esses dados foram coletados para o projeto de pesquisa “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”, em desenvolvimento como Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, na Universidade Federal de Rondônia e financiado pelo CNPq.

A década escolhida ocorreu pois o jornal não se encontra mais em circulação na cidade de Porto Velho e, nos locais em que a pesquisa ocorreu – na Biblioteca Municipal Francisco Meirelles e no Museu Palácio da Memória Rondoniense – os jornais em melhor estado de conservação e em maior abundância, eram da década de 1970. É importante destacar que encontramos algumas dificuldades para encontrar léxicos da formação de um possível vocabulário da região, pois trata-se de um jornal com uma linguagem parcialmente informal e não sabemos afirmar se algumas palavras eram desvios de ortografia ou não.

Para a análise dos dados, consideramos um recorte de 8 (oito) unidades lexicais (palavras e expressões): **(ficar/estar) apapagaiado; azular (azulou); (ser) badeco; (ser/parecer) beradeiro; (estar) brocado; (ser/estar) maceta; (ir/voltar) piseiro; e (estar) “até o tucupi”**.

Para a análise morfolexical dessas unidades lexicais, utilizamos como base o dicionário Houaiss (online) e o *corpus* já especificado. Procuramos comprovar, por meio da análise dos dados, as alterações morfológicas e lexicais, bem como as alterações e características semânticas e pragmáticas dessas unidades relacionadas ao contexto de uso local, ou seja, o que configuraria, de fato, o “falar porto-velhense”. Passamos às análises.

#### **1. Apapagaiado:** “Ficou todo **apapagaiado** para a festa”.

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, **apapagaiado** é um adjetivo formado pelo acréscimo do prefixo **a-** e do sufixo **-ado**, ao radical **papagaio**: a- + papagaio + -ado e apresenta as seguintes acepções:

#### **Adjetivo.**

**1. Regionalismo:** Brasil. Uso: informal.

cujo colorido lembra ou assemelha-se ao de um papagaio; muito enfeitado.

Ex: roupa apapagaiada.

**Fonte:** Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Apapagaiado também é apontado como adjetivo no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (Amaral, 2015) e apresenta como acepção:

1. pessoa que gosta de se enfeitar e usar roupas coloridas.

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p.15).

Como pudemos verificar, apagaiado (a) é uma formação parassintética, ou parassíntese, uma vez que exige, obrigatoriamente, a presença do prefixo e sufixo, conforme apontado no Dicionário Houaiss. Quanto a sua origem, constatamos que, enquanto o dicionário Houaiss apresenta o processo de formação da palavra e relaciona o uso do termo à ave papagaio, Amaral (2015, p. 15) destaca que esse adjetivo é “uma referência, talvez, ao peixe Apapá ou aos papagaios (pipas) muito coloridos ou, ainda, à ave papagaio”.

**2. Azular:** “Camila **azulou** quando sua mãe viu dois rapazes de moto vindo em sua direção”

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), trata-se de um verbo e possui três significações:

**1. Verbo transitivo direto.**

tingir de azul; tornar azul; azulear, azulecer, azulejar. Ex: um tecido

**2. verbo intransitivo e pronominal**

adquirir tom azul ou azulado; mostrar-se azul; azulecer. Ex: o céu azulou (-se) após as chuvas de verão.

**3. verbo intransitivo**

Regionalismo: Brasil. Uso: informal.

pôr-se em fuga, retirar-se em debandada; fugir, escapar. Ex: azulou quando avistou a polícia

**Fonte:** Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Do ponto de vista morfológico, a palavra continua sendo utilizada como verbo também em Porto Velho, entretanto, de acordo com Amaral (2015, p. 18), apenas o terceiro significado é utilizado no falar porto-velhense: “correr, acelerar, fugir”. É interessante destacar que em outras regiões, como no Sudeste do Brasil, por exemplo,

essa concepção de “fugir, escapar” é denominada como “amarelar”. Ex: “Camila amarelou quando sua mãe viu dois rapazes de moto vindo em sua direção”

### 3. **Badeco**: “Esse cara é muito **badeco**”.

Conforme o livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, trata-se de um adjetivo e significa.

#### **Adjetivo.**

1. empregado, aquele que trabalha quase de graça, mandado por alguém, inferior a alguém (geralmente relacionado ao trabalho); ajudante de pedreiro.

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 20).

É interessante destacar que essa lexia não foi encontrada no dicionário Houaiss e em nenhum outro dicionário online consultado (Michaelis, Priberam).

A única referência a badeco, encontrada na internet, foi apresentada pelo dicionário informal (online) e foi acrescentada por um falante de Mato Grosso, em 25 de janeiro de 2017, apresentando a seguinte definição:

1. Pessoa que faz tudo que os outros mandam. Pau-mandado. Empregado. Geralmente é aquele assistente geral que realiza todo tipo de serviço, que na maioria das vezes, são os piores serviços, que ninguém está disposto a fazer. Ex: Manda o **badeco** limpar o esgoto, pois já está juntando muita barata aqui.

Não foi encontrada sua etimologia ou outro significado em outros dicionários. Nesse caso, podemos observar a proximidade geográfica dos estados, devido à região de fronteira, e acreditamos que o uso da palavra seja proveniente desta parte da região norte. Pretendemos aprofundar esse estudo futuramente.

### 4. **Beradeiro**: “Fez uma tatuagem nova e está parecendo um **beradeiro**”.

Segundo Amaral (2015), em seu livro, “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, beradeiro refere-se a:

1. pessoa que mora na beira do rio ou que sente orgulho de ser portovelhense.
2. Ribeirinho
3. Antigamente, era utilizado para pessoa cafona, brega.

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p.15).

A respeito dessa unidade lexical, é interessante ressaltar que, tanto no dicionário Priberam (online), quanto no dicionário eletrônico Houaiss (2009), essa palavra aparece grafada como **beiradeiro** e apresenta as seguintes acepções:

a) Dicionário da Língua Portuguesa Priberam (online), trata-se de um adjetivo e possui três acepções e significados:

#### **Adjetivo.**

1. Pequeno negociante das margens das linhas férreas.
2. Habitante das margens dos rios.
3. Pessoa rústica, residente nas proximidades das vilas sertanejas.

b) Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009)

Adjetivo e substantivo masculino

1. Regionalismo: Ceará

mesmo que caipira (roceiro)

2. Regionalismo: Paraíba

homem interiorano, rústico, que habita nas imediações dos núcleos de moradia sertanejos

3. Regionalismo: Pernambuco

habitante de beira de estrada de ferro; pequeno comerciante das margens das estradas de ferro.

4. Regionalismo: Bahia

habitante das margens dos rios, especialmente do rio São Francisco.

Em relação à lexia **beradeiro** (beiradeiro), constatamos que: i) houve uma alteração na grafia dessa palavra, certamente influenciada pela oralidade, alterando a

grafia original – **beiradeiro** – para a forma empregada em Porto Velho - beradeiro -. Do ponto de vista morfológico, essa unidade lexical também é utilizada como substantivo e como adjetivo nos falares porto-velhenses, entretanto, constatamos que, embora nenhum dos dicionários apontam essa palavra como um regionalismo de Rondônia, verificamos que, em Porto Velho, ela é comumente empregada, ainda atualmente, de forma pejorativa, como uma pessoa cafona, brega, como aponta Amaral (2015).

Essa utilização pejorativa, que ainda é utilizada em Porto Velho, se dá pelo fato de que as pessoas que moram às margens dos rios estão, de certa forma, inseridas, também às margens da sociedade, dos centros das cidades e por isso são muitas vezes estigmatizadas. Essa forma, porém, apesar de ainda ser utilizada não é mais aceita pela população porto-velhense em geral, pois se afirmar beradeiro na cidade de Porto Velho, trata-se de uma afirmação político-ideológica de ressignificar a palavra numa região do Brasil que é constantemente marginalizada.

**5. Brocado:** “Cheguei agora da universidade e estou **brocado** de fome”.

De acordo com o Dicionário Houaiss (2009), a unidade lexical **brocado** tem três entradas e pode ser definida como substantivo masculino e como adjetivo. Entretanto, para essa pesquisa consideramos apenas as acepções das entradas 1 e 2, pois são as que se relacionam diretamente aos nossos dados.

#### **brocado 1**

**adjetivo e substantivo masculino.** Rubrica indústria têxtil

1. diz-se de ou tecido de seda com largos relevos bordados a ouro e/ou a prata
2. diz-se de ou estofado lavrado com fios de ouro e/ou prata
- 2.1 diz-se de ou estofado de rica seda sem fios metálicos
3. derivação por extensão de sentido: diz-se de ou qualquer tecido que imite ou se assemelhe ao brocado.

**adjetivo**

4. bordado com brocado.

#### **brocado 2**

### **adjetivo**

1. que foi brocado - furado com broca (ferramenta ou instrumento)
2. atacado por broca (inseto)
3. Derivação - sentido figurado: carcomido, corroído; destruído
4. Regionalismo: Brasil. Uso informal: com fome, faminto.

Entretanto, analisando os dados retirados de nosso corpus, verificamos que, relacionado ao contexto de uso da cidade de Porto Velho, não encontramos nenhuma referência de brocado como substantivo, sendo utilizado apenas como adjetivo com o contexto de *estar com muita fome*, como podemos ver no exemplo a seguir:

### **brocado**

#### **adjetivo**

1. estar brocado é estar com fome. Também é comum usar a variante: “Qual é a broca, hoje?”, que significa, no caso, comida. “Vamos logo almoçar que eu estou brocado, oh!”

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 27).

Observa-se que no Dicionário Houaiss, a classificação da palavra como adjetivo traz a significação como algo que foi furado. Em um contexto informal, comumente afirma-se que estar com fome é “estar com um buraco na barriga”. Pode-se observar uma aproximação semântica dessas duas definições.

### **6. Maceta: “Que árvore maceta!”**

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), **maceta** é um substantivo feminino e apresenta como acepções:

#### **Substantivo feminino**

1. martelo de cabo curto e cabeça em forma troncônica ou de paralelepípedo, com que os canteiros golpeiam um escopro ou ponteiro; maço;
2. pequeno instrumento para bater, golpear; pequeno maço; macete.
3. pedra cilíndrica com uma das bases chata e lisa, que é usada para triturar e desfazer torrões de tinta, como o guache quando endurecido.

4. Rubrica: música. baqueta relativamente curta, com cabeça revestida de algo macio, usada para percutir bombos e tam-tans.

**Fonte:** Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Entretanto, no falar porto-velhense, **maceta** é utilizado apenas como adjetivo e possui, de acordo com Amaral (2015), o seguinte significado:

#### **Adjetivo.**

1. palavra usada com semelhante valor semântico a grande ou muito grande. “Pensa num pé maceta!!” Derivado: macetona. “Aqueles azeitonas roxas eram macetonas!”. Porrudo, grande, imenso, de proporções anormais.

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 65).

Constatamos, portanto, que a palavra **maceta**, com o sentido apresentado no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, é utilizado comumente na cidade de Porto Velho. Quanto à extensão de seu significado e contexto de uso, não encontramos nada que a relacione aos significados apresentados no dicionário Houaiss e em nenhum dos outros dicionários consultados.

#### **7. Piseiro:** “Voltou do **piseiro** muito tarde”.

De acordo com Amaral (2015), a palavra **piseiro** corresponde a um substantivo e significa:

#### **Substantivo.**

1. festa, briga, barca, bagunça, diversão.
2. Movimentação popular que não se pode definir pela natureza disforme: não se sabe se é festa ou se é briga.
3. Festa muito boa, animada, comumente movida a muito álcool e som alto.

**Fonte:** “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês” (2015, p. 80).

É interessante observar que, embora seja uma palavra bastante recorrente, utilizada informalmente, mesmo em outras regiões, como na região sudeste e centro-

oeste, por exemplo, a lexia **piseiro** ainda não aparece no dicionário eletrônico Houaiss (2009) e em nenhum dos outros dicionários online consultados. Quanto à sua origem, acreditamos que não seja uma palavra específica local, porque é também utilizada em outras regiões, como supracitado, entretanto seu uso é bem mais recorrente na região norte.

#### **8. Até o tucupi:** “Hoje estou até o tucupi”.

A expressão “(estar) até o tucupi”, não consta em nenhum dos dicionários consultados, contudo, segundo o livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, trata-se de uma expressão que indica (estar) “estressado, com muito trabalho para fazer, chateado, aborrecido. Até o máximo possível” (AMARAL, 2015, p. 17).

De acordo com o site portugualettra.com, “até o tucupi” é uma expressão idiomática usada na Amazônia e tem “um sentido cultural que pode ser considerada figurativa, gíria ou de contexto popular”, que significa: “(i) até em cima, até o máximo; (ii) indica sobrecarga, limite, transbordar”.

Embora seja uma expressão recorrente em nosso *corpus*, acreditamos que se trata de uma expressão mais geral, utilizada em todo o contexto amazônico, e não restrita ao falar porto-velhense.

#### **Considerações finais**

Neste trabalho, procuramos apresentar uma análise morfolexical das palavras e expressões que configuram os “falares porto-velhenses”. Por meio dos dados coletados e organizados, nos embasamos, em especial, no livro “Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”, de autoria de Nair Ferreira Gurgel do Amaral (2015) e no Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) para comprovar as mudanças morfológicas, ortográficas e lexicais pelas quais passaram as unidades lexicais assinaladas, a princípio, como próprias do falar porto-velhense.

Nossas análises comprovaram que algumas dessas palavras passaram por mudanças morfológicas e semânticas, como o caso da lexia maceta. Outras passaram por um processo de expansão semântica e também de alteração na escrita, como a

palavra beradeiro. Constatamos, também, que grande parte das expressões tratadas como provenientes do falar porto-velhense, correspondem também a regionalismos utilizados na região amazônica em geral, e não apenas na cidade ou região de Porto Velho.

Destacamos que é necessário um maior aprofundamento desse estudo a fim de que possamos, realmente, estabelecer um perfil lexical dos falares porto-velhenses, entretanto, defendemos que este estudo é uma pequena contribuição para que estudos mais completos e aprofundados possam ser realizados para que possamos apresentar de fato uma “Radiografia do Portal da Amazônia: um estudo dos falares porto-velhenses”.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Nair Ferreira do Gurgel. *Carapanã encheu, voou: o “portovelhês”*. Porto Velho: Rondônia. Temática editora, 2015.
- BASÍLIO, Maria Antonieta. *O léxico e a linguagem*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BIDERMAN, M. T. C. *As ciências do léxico*. In: OLIVEIRA, M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001a.
- \_\_\_\_\_. Terminologia e lexicografia. *TradTerm*, v. 7, p. 153-181, 2001b.
- \_\_\_\_\_. *A ciência da Lexicografia*. São Paulo: Alfa, 1984a.
- BORBA, F. M. *Perspectivas em terminologia: estudos descritivos e explicativos*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.
- CABRÉ, M. T. *La Terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos*. Girona: Documenta Universitaria, 1999.
- CÂMARA JR, J. Mattoso. *Língua e cultura*. Revista Letras, v. 4, 1955.
- COSTA, Lucimara Alves da Conceição. *Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicas para o dicionário de lexicografia brasileira*. 2015. 303 f. Tese (doutorado com dupla titulação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas e Universidad Pompeu Fabra, Intitut Universitari de Linguística Aplicada, 2015.
- COTINGUIBA, M. L. P.; COTINGUIBA, G. C. Rondônia, um estado de fronteira na Amazônia ocidental brasileira: fluxos migratórios do passado e a imigração haitiana no início do século XXI. *Revista Territórios e Fronteiras*, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 45–65, 2015.
- DAPENA, J.A.P. *Manual de técnica lexicográfica*. Madrid: Arco/libros, S.L., 2002.

PORTUGUÊS À LETRA. "Até o Tucupi: Expressão". Disponível em: <https://portuguesalettra.com/expressoes/ate-o-tucupi-expressao/>. Acesso em: [16 de maio de 2023].

SANTOS, Leandro Almeida; NEIVA, Isamar. Língua, léxico e cultura a partir dos dados do projeto ALIB. *Revista e-escrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, v. 11, n. 1, p. 146-160, 2020.

SILVA, Eryl Rosa et al. Terminologia como ciência fundamental à sociedade moderna. *Revista Ícone*, v. 8, n. 1, 2011.

SOUZA BEZERRA, Zilclea Costa; LIMA, Edmar Peixoto. Aspectos Conceituais Sobre a Definição Terminológica. *Epitaya E-books*, v. 1, n. 23, p. 242-249, 2022.